



TESES E TÉCNICAS ARGUMENTATIVAS SOB A NOVA RETÓRICA EM ORAÇÃO AOS MOÇOS, DE RUI BARBOSA

THESES AND ARGUMENTATIVE TECHNIQUES UNDER NEW RHETORIC IN THE MASTERPIECE ORAÇÃO AOS MOÇOS, BY RUI BARBOSA

Lorraine de Souza Pereira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

lorraineadv@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7396-065X>

Crígina Cibelle Pereira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

criginacibelle@uern.br

<https://orcid.org/0000-0001-9054-9897>

Resumo

Propomos, neste artigo, à luz da teoria da argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), com a Nova Retórica, verificar teses e técnicas argumentativas identificadas no discurso *Oração aos moços*, de Rui Barbosa. Para melhor compreensão, o discurso em análise foi dividido em partes/temáticas acerca das teses reveladas. As análises, de forma geral, revelam diferentes teses, entre as de adesão inicial e as centrais/principais. Dentre as técnicas, as mais utilizadas foram a dos argumentos quase-lógicos e a dos argumentos baseados na estrutura do real. Por fim, as discussões empreendidas, nesse espaço, buscam trazer contribuições aos estudiosos da Nova Retórica, no tocante a técnicas argumentativas, por meio de um pronunciamento em que o orador, enquanto apresenta ironias e sarcasmos, congratula os formandos pela colação de grau e os impulsiona a lutarem por um futuro melhor para o Brasil.

Palavras-chave: Argumentação; Discursos de jurista; Teses; Técnicas argumentativas.

Abstract

*This way we propose to verify theses and argumentative techniques identified in the masterpiece *Oração aos moços* by Rui Barbosa, and we did this under the guide lights of *Argumentation Studies* by Perelman and Olbrechts-Tyteca (2014) and also based on *New Rhetoric studies*. We decided to develop the research by dividing object-discourse into parts according to their themes about the theses they reveal. The analysis points out to a variety of theses, from those of initial agreement to the central ones. Among the techniques, the most common used were almost-logic arguments as well as arguments based on real structure. Finally, this article brings a contribution to the studies on *New Rhetoric* in what is concerned to argumentative techniques. It does this through a discourse of a speaker in which he congratulates undergraduate students at the final formal ceremony of students' course. The speaker tries to stimulate students to fight for Brazil better future, and he does this in organizing his discourse by presenting irony and sarcasm.*

Keywords: *Argumentation; Jurist's discourse; Thesis; Argumentative techniques.*

Palavras iniciais

A junção indissociável da retórica com os discursos de juristas torna ainda mais instigante o campo da argumentação, motivo pelo qual surge o presente estudo sobre o discurso intitulado *Oração aos moços*, de Rui Barbosa, sob a ótica das teses e técnicas de argumentação apresentadas por Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014). Aliadas ao fascínio que, por si, é o estudo da argumentação, principalmente com os avanços na perspectiva teórica da nova retórica a partir desses dois teóricos (em parceria), as teses e técnicas argumentativas revelam-se como esquemas empregados nos discursos para persuadir e/ou convencer (ainda que indiretamente) seu auditório.

Ademais, considerando os estudos acerca da retórica, com fundamentos basilares na perspectiva aristotélica e, posteriormente, retomados com a nova retórica, o presente artigo se desenvolve a partir do discurso *Oração aos moços* com o propósito, sobretudo, de verificar as teses reveladas e as técnicas argumentativas ali presentes. Assim, acredita-se ser impossível um discurso numa colação de grau sem argumentação, porque aquele, por si, está intrinsecamente relacionado à ideia de argumentatividade. Desse modo, os discursos de colação de grau são construídos a partir de procedimentos retóricos, desde a conquista, pelo orador, de seu auditório particular (os formandos) ou, quiçá, seu auditório universal (como é o caso do discurso que compõe o *corpus* desse trabalho) até a adesão (pela persuasão ou convencimento) desse público.

A análise sobre as técnicas de argumentação no discurso *Oração aos moços*, de Rui Barbosa, de que trata este breve estudo, se insere na área de Teorias de Argumentação no Discurso (TAD), uma vez que não analisa o texto pelo texto, senão faz uma análise acerca dos argumentos ali empregados/construídos. Baseia-se, então, na Nova Retórica e conta com contribuições instrutivas/didáticas dessa teoria por outros estudiosos, como Reboul (2004) e Souza (2003), por exemplo.

É nesse contexto, pois, que buscamos estabelecer uma análise com base em teoria da argumentação e sua aplicabilidade no discurso proferido por Rui Barbosa como paraninfo de colação de grau dos bacharéis em Direito, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). Assim, considerando a teoria que embasa as análises, é importante frisar que os teóricos do *Tratado da Argumentação Nova Retórica* o esquematizaram em três grandes partes: os pressupostos, os pontos de partida da argumentação e as técnicas argumentativas. Mas, o enfoque do presente trabalho é de identificar, descrever e analisar o uso dessas últimas, as técnicas, no discurso *Oração aos moços*.

Da retórica clássica à nova retórica: breve apresentação

A retórica clássica ou a noção aristotélica de *dialética* partia do pressuposto de que as formas de raciocínio eram baseadas em premissas meramente prováveis, em proposições baseadas na razão e, sobretudo, evidentes e racionais, que sempre conduziam o ser pensante a uma conclusão dada como verdadeira. Em outras palavras, os estudos da retórica antiga (antes de Aristóteles) eram baseados em conteúdo de lógica e embelezamento na linguagem. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 6):

O objeto da retórica antiga era, acima de tudo, a arte de falar em público de modo persuasivo; referia-se, pois, ao uso da linguagem falada, do discurso, perante uma multidão reunida na praça pública, com o intuito de obter a adesão desta a uma tese que se lhe apresentava.

O que houve nos estudos da argumentação, principalmente com a nova retórica, foi o distanciamento da racionalidade marcante da antiga retórica (antes dos estudos da retórica aristotélica), em que é necessário mais que a razão para convencer e persuadir o auditório. Não se pode mais pensar em premissas meramente prováveis e numa linguagem baseada somente na razão. Aristóteles (2011) mencionava a relação existente entre a razão (*logos*), a emoção ou paixão do auditório (*pathos*) e o caráter ou costumes do orador (*ethos*). Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), em seu *Tratado da argumentação*, a nova retórica retoma a argumentação do discurso, com resgate de uma perspectiva mais aristotélica sobre a retórica, e rompe com tradições clássicas⁵⁰ voltadas apenas para a lógica. Nessa perspectiva, assim se referem os autores:

A publicação de um tratado consagrado à argumentação e sua vinculação a uma velha tradição, a da retórica e da dialética gregas, constituem *uma ruptura com uma concepção da razão e do raciocínio, oriunda de Descartes*, que marcou com seu cunho a filosofia ocidental dos três últimos séculos (2014, p. 1. Grifos no original).

Os autores deixam claro que houve a ruptura com a concepção de razão e do raciocínio lógico, não negando que foi um fato marcante de séculos de estudos, mas que o poder de argumentar é de um ser racional, pois não se argumenta contra a evidência –retomando, aqui, o que já defendia Aristóteles (2011).

Em todo discurso de argumentação, há seres envolvidos, e a opinião defendida pelo orador implica em, pelo menos, convencer um auditório que sua opinião é válida, embora o foco a partir da nova retórica seja da adesão dos espíritos às teses que se apresentam. E, para haver comunicação, se

⁵⁰ A nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca apresenta, em si, um rompimento tanto com a retórica antiga antes dos estudos de Aristóteles sobre a retórica como com a de pensamento mais cartesiano (que dominou até meados do século XX).

faz necessária a interação entre o orador e o auditório. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) esclarecem que a argumentação visa à adesão dos espíritos às teses que são apresentadas por um orador na pretensão de haver assentimento do auditório. Para isso, faz-se necessária uma argumentação eficiente, que seja capaz de aumentar a capacidade de adesão do auditório para ação defendida pelo orador, ou que, pelo menos, seja capaz de criar uma disposição para ação, como um contato pré-estabelecido, intelectual, fruto da interação entre orador e auditório em situações reais de uso da linguagem. Pois “a argumentação é uma ação que tende sempre a modificar um estado de coisas preexistente” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 61).

Nessa perspectiva, para alcançar essa adesão (dos espíritos às teses), o discurso do orador perpassa uma construção esquematicamente lógica dos argumentos, situação que revela técnicas de argumentação na organização das ideias. Na verdade, o objeto de estudo da teoria da argumentação é, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 4), “o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhe apresentam ao assentimento”.

Assim, as técnicas argumentativas não podem ser percebidas claramente como a inteligibilidade do discurso, por exemplo; elas só serão verificadas após posteriores análises (como é o caso do presente estudo, em que elas são analisadas em um discurso de Rui Barbosa). Desse modo, essas técnicas apresentadas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) são, na verdade, esquemas de argumentos.

As técnicas argumentativas e seu papel no discurso

São várias as ocasiões em que se faz necessária a utilização de técnicas capazes de persuadir e tornar o discurso mais verdadeiro, atrativo e persuasivo, buscando a adesão do auditório – ação pretendida pelo orador. Partindo desse pressuposto, consideramos necessário conhecer e relacionar as técnicas argumentativas utilizadas nos discursos – compreendendo o papel que nesses elas correspondem –, partindo dos pressupostos teóricos trazidos por Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, no *Tratado da argumentação da nova retórica* (2014).

Nesse contexto, os referidos autores (2014) apresentam quatro grandes categorias de técnicas argumentativas, que se dividem entre: a) as que se dão através de associações de noções, a saber: *argumentos quase-lógicos* (por contradição e incompatibilidade, identidade e definição na argumentação, a regra de justiça e argumentos de reciprocidade, argumentos de transitividade, de inclusão e de divisão, argumentos de comparação e argumentação pelo sacrifício), *os argumentos*

baseados na estrutura do real (por meio das ligações de sucessão e das ligações de coexistência), *as ligações que fundamentam a estrutura do real* (o fundamento pelo caso particular, o raciocínio por analogia e a metáfora); b) depois, as que se dão por dissociação das noções, que, no caso, são *os argumentos por dissociação das noções* (os pares filosóficos, a retórica como expediente).

As técnicas argumentativas mencionadas no parágrafo anterior verificam-se a partir da análise da estrutura dos argumentos isolados. O pronunciamento de Rui Barbosa é subdividido, aqui, ou seja, é apresentado pelos conjuntos de seus argumentos isoladamente para se ter uma compreensão da estrutura lógico-psíquica utilizada pelo orador na escolha e apresentação de cada argumento para defender determinada tese. Contudo, para análise do conteúdo em si, esse procedimento de análise não deve considerar um trecho isoladamente de seu conjunto – o que poderia conduzir à interpretação equivocada do argumento desenvolvido. Nesse mesmo norte, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 211) esclarecem:

Ora, o sentido e o alcance de um argumento isolado não podem, senão raramente, ser compreendidos sem ambiguidade; a análise de um elo da argumentação, fora do contexto e independentemente da situação em que ele se insere, apresenta inegáveis perigos.

Portanto, as técnicas de argumentação apresentadas pela nova retórica funcionam, ainda que inconscientemente, como esquemas direcionadores na interpretação e compreensão da organização argumentativa do e pelo orador, sobretudo quando ele tem o seu domínio, isto é, usa-as conscientemente.

Teses e técnicas argumentativas evidenciadas no discurso *Oração aos Moços*

Convidado para paraninfar a turma de Direito de 1920 da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FDUSP), Rui Barbosa de Oliveira, impossibilitado de comparecer à cerimônia (porque estava enfermo e já estava idoso), envia aos formandos o discurso que ficou conhecido como *Oração aos moços*, lido pelo professor Reinaldo Porchat.

No referido discurso, o autor, mostrando-se mais sereno do que sua postura erguida durante a sua trajetória jurídico-política⁵¹, fala sobre sua vida, seu percurso profissional e esclarece sobre o

⁵¹ Aqui, destaca-se uma característica do *ethos* do orador revelado por aquele seu discurso. Embora não seja categoria teórica de análise, recomenda-se, a quem possa interessar, consultar sobre o *ethos* numa perspectiva aristotélica, e também se for o caso, com teorias mais atuais acerca disso.

papel do operador do Direito, sobretudo, do magistrado e do advogado, aconselhando os formandos quanto a essas carreiras.

Outrossim, é importante que se diga que a escolha da intitulação do discurso não partiu de Rui Barbosa. Na verdade, os próprios formandos, à época, pediram ao autor a permissão para publicação de seu discurso como paraninfo na colação de grau, o que, após autorizado, recebeu a referida nomenclatura pelos concluintes.

Nesse íterim, para as análises e de modo a se ter uma melhor compreensão sobre o discurso, e ainda considerando sua dimensão e o limite de espaço neste trabalho, aquele foi dividido em partes temáticas ou momentos centrais discursivos⁵² que, aqui, serão analisados dois: o primeiro, em que o autor se justifica por não estar presente na cerimônia de colação de grau da turma; e o segundo, em que o orador apresenta, a partir de vários argumentos menores, um paralelo entre a colação de grau dos bacharelados do curso de Direito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FDUSP) e a sua (do orador) carreira pública e profissional.

Nesse diapasão, optou-se por fazer uma análise sem divisão específica em teses, técnicas e interpretação, por entender que, como essas categorias estão intrinsecamente relacionadas, seriam analisadas simultaneamente. Desse modo, à medida em que são apresentadas as teses identificadas, são também discutidas as técnicas utilizadas para ancorar essas teses, bem como a descrição e/ou interpretação do trecho sob análise, à luz dos estudos teóricos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014).

a) Primeira parte: justificativa da ausência do orador no evento

O orador Rui Barbosa inicia seu discurso justificando-se por não estar presente fisicamente na colação de grau dos bacharelados da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FDUSP)⁵³, embora assegure, filosoficamente, estar presente em espírito:

Fragmento 01 – Discurso de Barbosa

Não quis Deus que os meus cinquenta anos de consagração ao direito viessem receber no templo do seu ensino em São Paulo o selo de uma grande bênção, associando-se hoje com a vossa admissão ao nosso sacerdócio, na solenidade imponente dos votos em que o ides esposar. [...].

⁵² Nesse momento, é preciso esclarecer que, além dessas duas temáticas que se encontram logo no início do discurso de Rui Barbosa, existem outras que, como mencionado, não cabem aqui ser discutidas em virtude da limitação de espaço.

⁵³ A referida faculdade é também conhecida como Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, motivo pelo qual, no discurso objeto deste trabalho, Rui Barbosa utiliza essa nomenclatura como referência.

*Mas, recusando-me o privilégio tão grande, ainda me consentiu o encanto de vos falar, de conversar convosco, presente entre vós em espírito; o que é, também, estar presente em verdade.
Direis que isto de me achar assistindo, assim, entre os de quem me vejo separado por distância tão vasta, seria dar-se, ou supor que se está dando, no meio de nós, um verdadeiro milagre?*

Fonte: (BARBOSA, 2003, p. 27).

É possível observar, logo no início de sua fala, que o orador tenta, por meio de processos argumentativos, captar a atenção do auditório por meio da justificativa de sua ausência no evento da colação de grau, tentando convencer seus ouvintes de sua presença – ao menos em pensamento (ou espiritualmente como sugere o orador).

Observe-se, pela transcrição acima do trecho do discurso sob análise, que o orador, de modo a ganhar a adesão de seu auditório, nessa sua tentativa de justificar que não está ausente, fundamenta sua **tese de adesão inicial** na sua convicção de que o fato de não estar fisicamente na solenidade não quer dizer que não esteja presente, pois ele está presente em espírito, o que é, para ele, estar sim presente em verdade. O orador revela essa (sua) premissa, conduzindo o auditório a creditá-la e senti-la da mesma forma; e tentando, com isso, alcançar a adesão ao que se pretende (tese inicial, no caso).

Nessa primeira parte, a da justificativa da ausência do orador no evento, portanto, identificou-se: a tese de adesão inicial apresentada no parágrafo anterior, a qual está ancorada em argumentos por dissociação das noções com o par “aparência-realidade”; e a tese principal como sendo a de que, para o orador, ele está falando frente a frente com os formandos, utilizando-se de *argumentos baseados na estrutura do real*, a partir do vínculo causal e a argumentação, para a defesa dessa tese.

Ainda nessa tese de adesão inicial, é válido destacar que o orador utilizou os *argumentos por dissociação das noções*, a partir do par “aparência-realidade”. Esse tipo de argumento (de dissociação) é bastante importante no pensamento filosófico, que se utiliza dele para superar incompatibilidades de diversas naturezas. No caso, a incompatibilidade consiste num fato entre o real e o aparente: o orador está ausente fisicamente (realidade), mas tenta convencer o seu auditório de sua presença em espírito (aparência), o que reflete um conflito discursivo (certamente pretendido pelo orador), uma proposição nitidamente filosófica. Ou seja, enquanto, no discurso em si, parece contraditório dizer que se está presente sem assim o ser, no campo filosófico, isso é possível e não gera nenhuma contrariedade

No mesmo norte, pôde-se identificar a **tese principal**, a de que, para o orador, este está falando

frente a frente com os formandos (seu auditório particular), desprezando, explicitamente, o prolóquio “longe dos olhos, longe do coração”:

Fragmento 02 – Discurso de Barbosa

O gênio dos anexins, aí, vai longe de andar certo. Esse prolóquio tem mais malícia que ciência, mais epigrama que justiça, mais engenho que filosofia. Vezes sem conta, quando se está mais fora da vista dos olhos, então (e por isso mesmo) é que mais à vista do coração estamos; não só bem à sua vista, senão bem dentro dele.

Fonte: (BARBOSA, 2003, p. 28).

E mais à frente:

Fragmento 03 – Discurso de Barbosa

Tão pouco medeia do Rio a S. Paulo! Por que não conseguiremos enxergar de um a outro cabo, em linha tão curta? Tentemos. Vejamos. Estendamos as mãos, entre os dois pontos que a limitam. Deste àquele já se estabeleceu a corrente. Rápida como o pensamento, corre a emanção magnética desta extremidade à oposta. Já em um aperto se confundiram as mãos, que se procuravam. Já, em um amplexo de todos, nos abraçamos uns aos outros. Em S. Paulo estamos. Conversemos, amigos, de presença a presença.

Fonte: (BARBOSA, 20003, p. 30).

Percebe-se, com base nos apontamentos teóricos deste artigo, que a tese principal nessa parte do discurso do orador se concretizou por meio de *argumentos baseados na estrutura do real*, a partir do vínculo causal e a argumentação que, conforme explica Reboul (2004, p. 173), “o mais importante é que o argumento na verdade quer estabelecer um juízo de valor, mostrar o valor do efeito a partir do valor da causa, ou o inverso”. O orador tenta conduzir o seu auditório a acreditar na sua presença (consequência) – e não na sua ausência –, por meio de um mecanismo de imaginação: determinando que os formandos estendam a mão e sintam-na apertando umas às outras (fato).

Durante o desenvolvimento da parte introdutória de seu discurso, o orador também apresenta uma tese secundária, a de que “longe dos olhos, longe do coração” não é verdade. É notório que se

trata de uma nova tese, tendo em vista que, da página 28 (vinte e oito) até o início da 30 (trinta)⁵⁴, ele vai desenvolvendo a ideia de que com o coração, às vezes, se vê muito mais que com os olhos.

Destarte, a referida premissa pode ser considerada uma outra tese, desenvolvida a partir de *argumentos quase-lógicos por contradição e incompatibilidade*, pois o que o orador diz nega a máxima transcrita mais acima: “longe dos olhos, perto do coração”. Partindo do fato da lógica ou quase-lógica, isto é, afastando os possíveis ares filosóficos que se podem abstrair com os demais argumentos sucessores a esse dos anexins, a contradição, pois, consiste na ideia de que se se está longe dos olhos, obviamente não está sequer perto do coração.

Até aqui, podemos inferir, não somente como as técnicas argumentativas trazidas pela nova retórica operam dentro de uma argumentação, senão como a compreensão delas possibilita-nos uma percepção quanto à sistematização dos argumentos desenvolvidos para a defesa da tese.

b) Segunda parte: paralelo(s) entre as carreiras pública e profissional do orador com a colação de grau dos formandos

No final da página 30, especificamente no último parágrafo, o orador inicia uma nova ideia central em seu discurso. Ele tece uma espécie de paralelo entre sua carreira (pessoal, estudantil, profissional, política) com a iniciante dos formandos. Além disso, perfaz essa parte do seu discurso como um todo retórico de desabafo aos políticos de sua época e à nação, além de outras observações menores, é claro. É possível destacar a **tese de adesão inicial** como sendo a de que a carreira dos formandos está a iniciar quando a de seu paraninfo está no final, prestes a se encerrar. Nesses termos:

Fragmento 04 – Discurso de Barbosa

Entrelaçando a colação do vosso grau com a comemoração jubilar da minha, e dando-me a honra de vos ser seu paraninfo, urdis, desta maneira, à carreira que adotastes, um como vínculo sagrado entre a vossa existência intelectual, que se enceta, e a do vosso padrinho em letras, que se acerca do seu termo. Do ocaso de uma surge o arrebol da outra.

Fonte: (BARBOSA, 2003, p. 30).

Note-se que na elaboração dessa tese de adesão inicial foram utilizados os *argumentos-quase*

⁵⁴ As referências das páginas do discurso sob análise referem-se ao livro que o contém e está nas referências ao final deste artigo.

lógicos de reciprocidade. Explicando-os, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 250) afirmam que:

Uma relação é simétrica, em lógica formal, quando sua proposição conversa *lhe* é idêntica, ou seja, quando a mesma relação pode ser afirmada tanto entre *b* e *a* como entre *a* e *b*. A ordem do antecedente e do conseqüente pode, pois, ser invertida.

Dessa forma, no *corpus* sob análise, tanto faz dizer que *a carreira do paraninfo está prestes a se encerrar, quando a dos formandos está a começar* como *a carreira dos formandos está prestes a começar, quando a do padrinho está terminando*. É possível observar que a ordem dos enunciados não altera a compreensão, nem tampouco a lógica estabelecida.

Outra tese que aparece nessa parte do discurso e que serve para justificar a principal é a de cinquenta anos dedicados ao trabalho (enquanto jurista) e à nação (enquanto político). Nessa tese, o orador se utilizou das *ligações que fundamentam a estrutura do real*, apresentando especificamente o raciocínio por analogia, no caso, a metáfora, quando profere:

Fragmento 05 – Discurso Barbosa

*Mercê, porém, de circunstâncias inopinadas, com o encerro do meu meio século de trabalho na jurisprudência se ajusta o arremate dos meus cinquenta anos de serviços à nação. Já o jurista começava a olhar com os primeiros toques de saudade para o instrumento, que, há dez lustros, lhe vibra entre os dedos, lidando pelo direito, quando a consciência lhe mandou que **despisse as modestas armas da sua luta**, provadamente inútil, pela grandeza da pátria e suas liberdades, no parlamentarismo.*

Fonte: (BARBOSA, 2003, p. 32. Grifo nosso).

Segundo Souza (2003, p. 77), “derivada da analogia, temos a metáfora que, como argumento, funciona como uma analogia, através da qual podemos expressar elementos do tema e do foro como omissão dos outros”. É com esse entendimento do argumento por analogia que Barbosa continua seu discurso durante toda a página 32, a falar sobre sua carreira política (com aspectos do que fez em seus mandatos parlamentares e, certamente, em suas tentativas de se chegar à Presidência da República brasileira).

Desse modo, ainda desenvolvendo essa tese anterior (cinquenta anos dedicados ao trabalho e à nação), o orador apresenta outro argumento de *ligações que fundamentam a estrutura do real* pela analogia: “Quem por uma causa destas combateu, abraçado com ela, em vinte e oito anos da sua Via

Dolorosa⁵⁵, não se pode ter habituado a maldizer, senão a perdoar, nem a descreer, senão a esperar”. (BARBOSA, 2003, p. 33). Durante todo o seu discurso, Rui Barbosa expõe muitos argumentos por analogia e cheios de metáfora. Isso se explica, certamente, porque, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 454), nas argumentações por analogia, é com frequência que aparecerão metáforas derivadas da analogia proposta pelo orador, de modo a fazer o interlocutor (auditório) a ver as coisas tais como aquele (orador) as apresenta.

Retomando a análise, ainda nessa parte do discurso, o orador desenvolve vários *argumentos baseados na estrutura do real*, especificamente, os argumentos que se aplicam por *ligações de coexistência*, que, no presente caso, são os de *autoridade*, para defender essa sua tese secundária (cinquenta anos dedicados ao trabalho e à nação). Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 348): “o argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese”. Assim, vale a pena transcrever parte dos trechos (nessa segunda parte do discurso) que contêm essa técnica argumentativa: “O padre Manuel Bernardes pregava em uma das suas Silvas: ‘Bem pode haver ira, sem haver pecado: *Irascimini, et nolite peccare*. E às vezes poderá haver pecado, se não houver ira: [...]” (BARBOSA, 2003, p. 33).

Noutro norte, de modo a encerrar esta parte do discurso, Rui Barbosa apresenta sua **tese principal**, a de que o padrinho está a trazer aos formandos o seu conhecimento/saber/aprendizado com base em toda a sua experiência de vida (a que ele se refere em “o livro da minha vida”), e não necessariamente nas ciências, convidando-os, pois, a falarem, nesse momento, mais sobre as experiências humanas que os estudos do Direito (embora o orador não consiga se desvencilhar totalmente de doutrinação aos formandos sobre aspectos das ciências jurídicas, uma vez que, ao desenvolver os argumentos fundamentadores dessa sua tese principal, nessa segunda parte de seu discurso, ele traz muitos argumentos sobre essas ciências):

Fragmento 06 – Discurso de Barbosa

Estou-vos abrindo o livro da minha vida. Se me não quiserdes aceitar como expressão fiel da realidade esta versão rigorosa de uma das suas páginas, com que mais me consolo, recebei-a, ao menos, como ato de fé, ou como conselho de pai a filhos, quando não como o testamento de uma carreira, que poderá ter

⁵⁵ Aqui, a expressão “Via Dolorosa” (iniciada com letra maiúscula, diga-se de passagem) refere-se a uma rua na cidade velha de Jerusalém, pela qual, segundo a tradição cristã, Jesus carregou sua cruz. Aliás, a ideia central desse seu argumento é sobre a questão da ira (que irá perdurar no texto até metade da página 35).

discrepado, muitas vezes, do bem, mas sempre o evangelizou com entusiasmo, o procurou com fervor, e o adorou com sinceridade.

Fonte: (BARBOSA, 2003, p. 35).

E continua seu raciocínio:

Fragmento 07 – Discurso de Barbosa

*Não é o saber da ciência, que se libra acima das nuvens, e alteia o voo⁵⁶ soberbo, além das regiões siderais, até os páramos indevassáveis do infinito. [...].
Eis ao que vem o padrinho, o velho, o abençoado, carregado de anos e tradições, versado nas longas lições do tempo, mestre de humildade, arrependimento e desconfiança, nulo entre os grandes da inteligência, grande entre os experimentados na fraqueza humana. Que se feche, pois, alguns momentos o livro da ciência; e folheemos juntos o da experiência. Desalivemo-nos do saber humano, carga formidável, e voltemo-nos uma hora para este outro, leve, comezinho, desalinhado, conversável, seguro, sem atitudes, nem despenhadeiros.*

Fonte: (BARBOSA, 2003, p. 37).

Percebe-se que, para apresentação da tese central, foi utilizado o modo de *interação dos argumentos pela ordem do discurso e condicionamento do auditório*, cuja teorização demonstra a importância da parte exordial do discurso, principalmente, quando o orador pretende conduzir seu auditório para alguma circunstância temática devido à imposição/circunstância do caso (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 563).

Na verdade, o que se apresenta é que a parte introdutória do discurso se mostra como a mais importante para o orador conseguir a adesão do auditório, pois ela sempre será adaptada às mais diversas circunstâncias do discurso. No trecho, Rui Barbosa pede aos formandos que o aceitem com um discurso mais voltado para a sua experiência (de vida e profissional) que para observações científicas.

Ademais, dentre os vários argumentos fundamentadores de sua tese principal, destaca-se a regra (justa) de igualdade para o orador. Na verdade, é importante frisar que essa sua premissa (que, diga-se de passagem, retoma o pensamento aristotélico) é reconhecidamente, pela jurisprudência e

⁵⁶ A palavra “voo” está grafada com acento gráfico (o circunflexo) no *corpus* utilizado para este trabalho, mas, considerando-se o novo acordo ortográfico, este vocábulo foi adaptado.

doutrina jurídica nacional, um norte principiológico no ordenamento jurídico brasileiro⁵⁷. A premissa consiste em:

Fragmento 08 – Discurso de Barbosa

A regra de igualdade não consiste senão em aquinhoar desigualmente aos desiguais, na medida em que se desigualam. Nesta desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. O mais são desvarios da inveja, do orgulho ou da loucura. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante, e não igualdade real. [...].

Fonte: (BARBOSA, 2003, p. 39).

É possível identificar, a partir dos elementos teóricos apresentados neste trabalho, que nessa segunda parte do discurso, para defesa de sua tese principal, o orador se utilizou dos *argumentos quase-lógicos*, pela *regra de justiça*, a qual, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 248), “requer a aplicação de um tratamento idêntico a seres ou a situações que são integrados numa mesma categoria”. Maneli (2004, p. 5-6), interpretando a regra de justiça descrita no *Tratado da Argumentação*, e, portanto, pela pertinência à transcrição anteriormente exposta, assim se pronuncia: “O próprio Perelman, ao apresentar seus conceitos de justiça e igualdade, deu-nos um grande exemplo de como teorias de justiça carregadas de emoção e política podem se tornar objeto de análise acadêmica frutífera. [...]”.

Seguindo nas análises, para defesa de sua tese principal (a de que o padrinho está a trazer aos formandos o seu conhecimento/saber/aprendizado com base em toda a sua experiência de vida, e não necessariamente nas ciências), o orador utilizou também *argumentos baseados na estrutura do real*, notadamente, os que se aplicam por ligações de coexistência, que, neste caso, são os de autoridade. Eis o trecho sob referência: “Sócrates, certo dia, em uma das suas conversações, que *O primeiro Alcibíades* nos deixa escutar ainda hoje, dava grande lição de modéstia ao interlocutor, dizendo-lhe, com a costumada lhaneza: [...] (BARBOSA, 2003, p. 46).

Ademais, ainda para defesa dessa sua tese principal, o orador empregou outro *argumento quase-lógico* a partir da *argumentação pelo sacrifício*, o qual é disposto no início da página, *in verbis*:

⁵⁷ A título de exemplo, veja-se o texto da decisão da ADPF nº 186/DF-2009, em que o Supremo Tribunal Federal julgou constitucional o sistema de cotas raciais da Universidade de Brasília.

Fragmento 09 – Discurso de Barbosa

Ora, senhores bacharelados, pensai bem que vos ides consagrar à lei⁵⁸, em um país onde a lei absolutamente não exprime o consentimento da maioria, onde são as minorias, as oligarquias mais acanhadas, mais impopulares e menos respeitáveis, as que põem, e dispõem, as que mandam, e desmandam em tudo; a saber: em um país, onde, verdadeiramente, não há lei, não há moral, política ou juridicamente falando.

Fonte: (BARBOSA, 2003, p. 48, grifos no original).

Percebe-se que o orador alerta aos bacharelados no sentido de que, se realmente querem seguir profissionalmente como operadores do Direito, num país em que são as oligarquias quem comandam, assim como a lei e a moral não existem, terão de empreender um esforço necessário/inevitável. É preciso lembrar que o argumento pelo sacrifício reforça e valoriza o motivo pelo qual se realiza o sacrifício. Assim, “na argumentação pelo sacrifício, este deve medir o valor atribuído àquilo por que se faz o sacrifício” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 282).

Por isso, seguindo esse trecho de seu discurso, mais à frente, já na página 50 (cinquenta), o orador referenda os formandos enquanto sua vontade no ofício de operadores do Direito, reforçando a ideia pelo que vale o sacrifício de lutar pela efetuação da justiça, quando diz:

Fragmento 10 – Discurso de Barbosa

Ora, senhores, esse poder eminentemente necessário, vital e salvador, tem dois braços, nos quais aguenta a lei, em duas instituições: a magistratura e a advocacia, tão velhas como a sociedade humana, mas elevadas ao cem-dobro, na vida constitucional do Brasil, pela estupenda importância, que o novo regime veio a dar à justiça.

Meus amigos, é para colaborardes em dar existência a essas duas instituições que hoje saís daqui habilitados. Magistrados ou advogados sereis. Suas duas carreiras quase sagradas, inseparáveis uma da outra, e, tanto uma como a outra, imensas nas dificuldades, responsabilidades e utilidades.

Fonte: (BARBOSA, 2003, p. 50).

Percebe-se que o orador vai desenvolvendo a ideia de que, apesar desse país das oligarquias (sacrifício), a magistratura e a advocacia são os instrumentos sagrados, salvadores e protetores da

justiça, motivo pelo qual valerá a pena aos bacharelados saírem habilitados para, numa ou noutra dessas profissões, protegerem, exercerem e efetuarem a justiça⁵⁹. A relação entre o sagrado e o profano é recorrente, do início ao fim, no pronunciamento de Rui Barbosa. Essa associação entre o Direito e o sacerdócio, trazida com mais evidência nesse trecho sob análise, favorece a persuasão desse pronunciamento, uma vez que vai gerenciando valorações e, com isso, mobilizando um campo mais emotivo para o auditório; ou seja, retira toda uma perspectiva dogmática que possa se ter por trás dessas duas profissões de carreira jurídicas (magistratura e advocacia) e as sacramenta, fazendo delas profissões sagradas (e não de glória). Não à toa, o sacrifício parece ser uma imagem constante na argumentação de Rui Barbosa. E, também por isso, perceber essa persuasão faz revelar a importância da argumentação retórica na defesa de pontos de vista (teses).

As análises aqui empreendidas por meio da nova retórica, sobre um pronunciamento de Barbosa, revelam diferentes teses de adesão inicial e final (como vimos nesta seção) e argumentos baseados na estrutura do real, dentre outros, que sustentam o discurso do orador e indicam o modo como o processo argumentativo se constitui essencial para a construção de um ponto de vista. Ademais, podemos dizer que as categorias teóricas analisadas neste artigo trazem significativas contribuições para os estudos da Argumentação sob a perspectiva da nova retórica, uma vez que promovem reflexões que giram em torno da complexidade do discurso ora analisado e também permitem compreender o processo argumentativo que o forma.

Palavras finais

Com base nos objetivos traçados para esse artigo, acerca das teses reveladas e técnicas argumentativas utilizadas no discurso *Oração aos moços*, a partir dos estudos e, portanto, do embasamento teórico na perspectiva da nova retórica, pode-se, neste momento, tecer algumas considerações conclusivas a respeito do referido tema.

Durante as análises, identificaram-se várias teses reveladas no discurso *Oração aos moços*, com foco nas primeiras partes desse discurso (a da justificativa da ausência do orador no evento e a do paralelo entre sua carreira profissional com a dos formandos). Como explicado no tópico das análises, o discurso foi dividido em partes/temáticas para melhor compreensão quanto às técnicas utilizadas e as teses reveladas.

⁵⁹ Nessa parte de seu discurso, desde a página 48, Rui Barbosa vai classificar a justiça como poder. Assim, quando diz “esse poder eminentemente necessário” (no trecho sob referência), está a se referir à justiça.

Destacam-se, então, as principais teses e sua ancoragem nas técnicas argumentativas. Na primeira parte (já mencionada no parágrafo anterior), identificou-se: a) a tese de adesão inicial como sendo o fato de não estar fisicamente na solenidade não quer dizer que não esteja presente, pois ele (orador) está presente em espírito, o que, para ele, é estar presente em verdade, a qual está ancorada em *argumentos por dissociação das noções* com o par “aparência-realidade”; b) e a tese principal como a de que, para o orador, ele está falando frente a frente com os formandos, sendo que, para a defesa desta, foram utilizados *argumentos baseados na estrutura do real*, a partir do *vínculo causal e a argumentação*. Na segunda parte, a tese de adesão inicial foi a de que a carreira dos formandos está a iniciar quando a de seu paraninfo está no final, prestes a se encerrar, e ela está ancorada em *argumentos quase-lógicos por reciprocidade*. Já a tese principal vem ser a de que o padrinho traz aos formandos o seu conhecimento/saber/aprendizado, com base em toda a sua experiência de vida (a que ele se refere em “o livro da minha vida”), e não necessariamente nas ciências, para o desenvolvimento e defesa desta última foram utilizados *argumentos quase-lógicos* por meio de *regra de justiça*.

Além disso, quanto à identificação das técnicas aplicadas no discurso *Oração aos moços*, tomando como base alguns trechos desse do discurso de Barbosa, verificou-se que várias técnicas foram utilizadas, mas a de predominância foi a de *argumentos quase-lógicos*, em várias de suas categorias, a saber: a argumentação pelo sacrifício; regra de justiça; argumentos de reciprocidade; e contradição/incompatibilidade. Em seguida, vêm as técnicas dos *argumentos baseados na estrutura do real* (com argumentos de autoridade e de vínculo causal e argumentação), das *ligações que fundamentam a estrutura do real* (por analogia e metáfora), da *dissociação das noções* (pelo par “aparência-realidade”) e, também, características concernentes com a *interação dos argumentos*.

Desse modo, e com base nas propostas teóricas de Perelman e Olbrechts-Tyteca, pôde-se constatar, inicialmente, que a tese de adesão inicial aparece no início da parte correspondente do discurso, ao passo em que a maior parte das teses centrais/principais, no desenvolvimento e, algumas vezes, no final do bloco. Em seu discurso, Rui Barbosa foi muito eficaz no convencimento de uma turma de juristas – doutrinados por anos sobre a relevância da equidade como um conceito absoluto para a realização da justiça – quanto à importância do tratamento de forma desigual para os desiguais como um instrumento necessário para a realização da mesma justiça.

Em suas palavras, o tratamento de forma diferenciada é justo e necessário para que sejam compensadas as desigualdades nas condições pessoais dos atores envolvidos. Assim, parafraseando o trecho mais famoso de seu discurso, é preciso tratar os iguais como iguais, e desiguais como desiguais, na medida de suas igualdades e desigualdades, respectivamente. É essa a única forma de



dar igualdade de condições para a obtenção de um resultado justo em uma situação social.

Em suma, o discurso de Rui Barbosa aos formandos revela, em si, uma espécie de desabafo em todas as suas áreas de atuação (jurídica, diplomática, política etc.), em que, na maior parte das vezes, com tom de ironia e sarcasmo, fala de seus adversários, de suas preterições pela nação em favor desses (adversários). Por outro lado, ao passo em que faz ironias e desabafos relativos às suas carreiras profissional e pública, o orador aconselha os formandos, acolhe-os como filhos de coração – pelo motivo de serem seus afilhados (de formação acadêmica) – congratula-os pela colação de grau e, por fim, impulsiona-os na luta pela construção de um futuro melhor para a nação, o Brasil.

Por fim, faz-se oportuno ressaltar que um trabalho voltado aos estudos de teses e técnicas argumentativas sob o enfoque da Nova Retórica direciona o seu interlocutor a pensar sobre os diferentes tipos de raciocínios dialéticos e retóricos que circundam um discurso persuasivo e/ou convincente; e sobre o fato de que, quanto mais consciência o orador tiver sobre essas técnicas, maior será a chance de seu discurso atingir o seu fim principal: o da adesão, ou mesmo persuasão e/ou convencimento, do auditório à(s) tese(s) defendidas.



Referências

- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução do grego, textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011. 1. reimp. 2013.
- BARBOSA, R. *Oração aos moços*. Coleção a obra-prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStfArquivo/anexo/ADPF186.pdf>. Acesso em: 06 de novembro de 2015.
- MANELI, M. *A nova retórica de Perelman – Filosofia e metodologia para o século XXI*. Tradução de Mauro Raposo de Mello. Barueri: Manole, 2004.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida P. Galvão. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de I.C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SOUZA, G. S. *O Nordeste na mídia: um (des) encontro de sentidos*. Tese de doutorado. Araraquara: UNESP, 2003.
- SOUZA, G. S. A argumentação no discurso: questões conceituais. In: FREITAS, A. C.; RODRIGUES, L. O.; SAMPAIO, M. L. P. (Org.). *Linguagem, discurso e cultura: múltiplos objetos e abordagens*. Mossoró: Queima-bucha, 2008. p. 57-74. 180 p.

Submissão: setembro de 2020

Aceite: dezembro de 2020